

Paradoxo e medo da morte: dimensões tanatológicas na obra de Søren Kierkegaard

ALESSANDRO GONÇALVES CAMPOLINA*

Resumo

A morte enquanto possibilidade é uma das questões centrais problematizadas pela filosofia existencial de Søren A. Kierkegaard. Assumir a responsabilidade por “tornar-se o que se é”, em um mergulho corajoso nas múltiplas possibilidades da existência, parece ser a grande conquista dos que acreditam na vida, afirmando a cada instante, o apelo inadiável da decisão. Para tanto, um pensamento profundo do desespero é necessário para encontrar o paradoxo absoluto e a superação do medo da morte. A partir dos conceitos de angústia, desespero, “doença até a morte” e “mortalmente doente”, o presente estudo pretende investigar as dimensões tanatológicas que atravessam a obra do filósofo dinamarquês.

Palavras-chave: morte; tanatologia; finitude; paradoxos; filosofia; angústia; desespero.



* ALESSANDRO GONÇALVES CAMPOLINA é Mestre em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); Doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP); atua como médico geriatra e pesquisador do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo / Faculdade de Medicina da USP.



O paradoxo do tempo, motor da dialética existencial que expressa as diversas tensões que tecem a trama da condição humana

Introdução

“Morrer constitui um dos saltos mais notáveis que possa haver”, dissera Kierkegaard (FARAGO, 2006, p.232). Ele deu este salto derradeiro no domingo, 11 de novembro de 1855, pela tarde, depois de ter criticado a institucionalização da religião e de ter recusado os sacramentos. “Nascia” assim o inspirador inegável do existencialismo moderno, filósofo, teólogo cristão e escritor dinamarquês, Søren Aabye Kierkegaard, que ainda hoje pode ser ouvido mesmo por aqueles a quem o cristianismo não toca, sendo este talvez um dos seus maiores paradoxos (THEUNISSEN, 2005, p. 9-25).

Kierkegaard não se furtou a problematizar o “eu” como descida do infinito, do eterno, do divino, para a carne finita, mortal, humana, permanentemente nos convidando a imergir no fluir inexorável da existência, a partir de uma questão vital: a morte enquanto possibilidade. Como diria Maurice Blanchot: “Se é verdade que a experiência da morte atravessa a existência humana do início ao fim, talvez, a morte ao nosso alcance seja o que torna a vida possível, o que propicia ar, espaço, movimento e alegria” (BLANCHOT, 1987, p. 94).

Para Kierkegaard também, a morte talvez seja esta possibilidade. Mas por que a morte? Por ser ela o extremo? Por ser através dela que a vida culmina em obra? Ou por ser ela a apoteose do instante? O ato verdadeiramente filosófico? O que amadurece o germe que devemos carregar conosco e sustentar? Estaria a morte grávida da intimidade de nossas vidas? A morte enquanto possibilidade, ou a vida enquanto urgência, talvez seja uma necessidade, pois segundo Kierkegaard: “[...] a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida comporta, mesmo transbordante de saúde e força” (KIERKEGAARD, 1988, p. 191).

Atravessar os paradoxos da existência em direção à superação absoluta do medo da morte parece ser, então, um desenvolvimento marcante que o autor empreende a partir do seu próprio íntimo, transbordando a solidão e o sofrimento numa possibilidade livre de existir. Seu pensamento que parece caminhar como um enfermo agonizante nos convoca a uma espécie de devir-médico de cada um de nós, que clama pela responsabilidade em “tornar-se o que se é”, abrindo a

existência para o suposto absurdo da alegria incomensurável do encontro com a morte (ROOS, 2008, p. 68-78).

Como enfrentar o medo da morte é, portanto, a questão central que tentaremos problematizar neste estudo. Para entendermos como esta possibilidade se constrói a partir da filosofia existencial de Kierkegaard, torna-se necessário um exame cuidadoso da construção dos conceitos de angústia, desespero, “doença até a morte” e “mortalmente doente”, além do paradoxo absoluto que revitaliza a crença na vida, enquanto possibilidade de morrer.

A Morte, o desespero e a doença

No ano de 1849, Kierkegaard escreveu o “Desespero Humano – Doença até a Morte”. Pensando o papel do médico em sua relação com a morte, a doença e a saúde, o autor fez uma distinção imprescindível para compreensão do seu projeto. Esta distinção envolve as noções de morte, desespero, “doença até a morte” e “mortalmente doente” (KIERKEGAARD, 1979, p. 187-279).

Para Kierkegaard a morte não se confunde com uma passagem ou com um episódio. Pelo contrário, a morte envolve um processo que acompanha o homem durante todo o seu curso vital e que implica uma esperança que a própria vida não comporta: o “morrer para o mundo” (KIERKEGAARD, 1979, p. 190). Neste sentido, a libertação das imposições mundanas, das amarras cotidianas, das demandas morais é tida como uma condição que existe a partir do aniquilamento do “eu”. “O desesperado lançou fogo àquilo que nele é refratário, indestrutível: o eu” (KIERKEGAARD, 1979, p. 200). Ele desespera por não poder devorar-se, nem libertar-se do seu eu, nem aniquilar-se. Mas este aniquilamento, aparentemente contraditório, só se faz porque o “eu” está em relação simultânea com o temporal e com o eterno. A vida, segundo o autor, só

poderia se liberar para o renascimento, a partir do sacrifício da temporalidade, ou seja, do aniquilamento do “eu temporal”, o “eu” em contato com o finito, o “eu” limitado pela efemeridade e pela finitude, que não nos concede a mudança contínua em que se constitui a existência ligada ao eterno. O desespero é, portanto, uma categoria do espírito, que no homem diz respeito à eternidade (KIERKEGAARD, 1979, p. 198).

Entretanto, a identificação da morte com o fim, com o sofrimento, com a passagem para o imprevisível, fez com que o homem, atormentado por esta realidade inexorável, vivenciasse o desespero enquanto condição implacável. Para Kierkegaard, o desespero seria, então, a relação do homem com este único acontecimento futuro que necessariamente se efetua. Este acontecimento viria a ser, portanto, a própria morte, a morte do “eu” (KIERKEGAARD, 1979, p. 199-201). Assim, é na relação do homem com a possibilidade da morte que, segundo Kierkegaard, o desespero se manifesta de duas formas diferentes. Uma, referida pelo autor como a experiência da “doença até a morte”, e outra designada como a experiência do “mortalmente doente”. Duas expressões do desespero que Kierkegaard conceitua como experiências qualitativamente distintas.

A “doença até a morte”, ou o desespero propriamente dito, seria uma espécie de doença crônica que universalmente acompanha todos os homens até a morte, e da qual não podemos nos ver livres. Como doença crônica, o desespero nos acompanha até a fim da vida, mas não necessariamente nos levará à morte, entendida aqui como finitude ou passagem. Nesta experiência vivencial, Kierkegaard invoca as palavras do médico ao refletir sobre a saúde e a doença. “Assim como talvez não haja, dizem os médicos, ninguém completamente são, também se poderia

dizer, conhecendo bem o homem, que nem um só existe que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer [...]” (KIERKEGAARD, 1979, p. 203).

Diferente da experiência da “doença até a morte”, o estar “mortalmente doente” é a condição a ser superada, é a própria doença aguda que impede a afirmação da desarmonia e o encontro com a possibilidade da morte (KIERKEGAARD, 1979, p. 199). Doença que se traduz em medo e na vivência terrível dos que sofrem e se angustiam diante da morte. “Assim, estar mortalmente doente é não poder morrer, mas neste caso a vida não permite esperança, e a desesperança é a impossibilidade última da última esperança, a impossibilidade de morrer” (KIERKEGAARD, 1979, p. 199).

A morte enquanto impossibilidade é então a face mortal e doentia do desespero que atormenta o moribundo existencial, o homem acovardado diante da vida e temeroso da única possibilidade de realização de si mesmo: o enfrentamento do medo da morte. Para tanto, o primeiro trabalho responsável e rigoroso a ser feito é enfrentar a doença que flagela e condena a humanidade a estar “mortalmente doente”, ou seja, o desespero enquanto doença mortal (KIERKEGAARD, 1979, p. 199).

Enfrentar com a responsabilidade de um médico de si mesmo, que segundo Kierkegaard seria um homem experimentado, que desconta sempre metade do que dizemos sobre nosso estado.

Se ele [o médico] pudesse confiar sem reservas em todas as nossas impressões individuais, como estamos, onde sofremos, etc., o papel do médico seria apenas ilusório. Não lhe basta, com efeito, prescrever remédios, mas em

primeiro lugar reconhecer o mal e portanto, antes de mais, saber se este está realmente doente, como supõe, ou se aquele, que se julga são, não é no fundo um doente (KIERKEGAARD, 1979, p. 204).

Enfrentar também com o rigor dos que se aprofundam nos paradoxos da vida com coragem e paixão, porque como diria o filósofo, não se deve pensar mal do paradoxo: o paradoxo é a paixão do pensamento, e o pensador sem paradoxo é como o amante sem paixão, um sujeito medíocre (FARAGO, 2006, p. 173).

Enfim, é a partir destas distinções conceituais, que Kierkegaard enunciará duas visões de morte. A da morte ontológica, que surge a partir da desestabilização da síntese que constitui a natureza humana e que necessariamente conduz à vida angustiada, presa na falta de ser e que persevera na busca desenfreada de uma cura impossível. E a da morte existencial, que implica a morte para o mundo, a morte que permite tornar-se o que se é. “Morrer para o mundo é o remédio” (KIERKEGAARD, 1979, p. 190). Esta morte, na linguagem do autor, consiste em desfazer-se das requisições ordinárias, que nos tiram de nós mesmos. Neste sentido, a morte implica um cessar do que não é necessário à vivência espiritual (KIERKEGAARD, 2010, p.140).

A angústia e a decisão

A morte existencial, enquanto processo do desespero, pode ser paradoxalmente pensada como condição para a construção livre de um estar no mundo, a partir dos conceitos de angústia e possibilidade, liberados pelo filósofo em “O Conceito de angústia”. Nesta obra, Kierkegaard irá desenvolver sua noção de homem como sendo uma síntese de finito e infinito. Esta síntese assumindo um caráter ontológico na gênese do humano estabelece necessariamente uma relação com o possível. A angústia surge, então, quando a síntese se desequilibra. De

acordo com o filósofo, o ser humano se angustia diante da possibilidade de efetivar suas possibilidades, ou seja, o que angustia é a possibilidade. Mas a possibilidade é em si desconhecida, e nesse sentido difere do medo, por não ter um objeto fixo e determinado (KIERKEGAARD, 2010, p.44-45).

Se a angústia é um elemento constitutivo da existência é porque a estrutura constitutiva do humano é a possibilidade. O conceito de possibilidade é, portanto, uma verdadeira pedra angular na construção filosófica de Kierkegaard. O “possível” para o filósofo dinamarquês não remete a um juízo sobre o advir das coisas ou o sobrevir de um estado de coisas, conforme a noção clássica de Aristóteles (ARISTÓTELES, 2015, p.229). O possível caracterizaria o existir do homem, o seu permanente confronto com a multiplicidade de possibilidades (LE BLANC, 2003, p 47-49).

A existência nos coloca a todo instante completamente indecisos diante de uma possibilidade que se oferece a nós, na medida em que esta não nos oferece qualquer garantia de sucesso. A hesitação em escolher gera, então, um mal-estar que tanto nos assusta quanto nos deixa paralisados diante das alternativas perante as quais precisamos optar. A este mal-estar diante do desconhecido, manifesto na possibilidade, é que Kierkegaard irá se referir como angústia.

No confronto das forças do geral e do individual, que concorrem no exercício da escolha, o filósofo irá mostrar que entre os animais, a espécie é mais importante que o indivíduo. Sua relação com o mundo não se efetuará sob o aspecto da escolha, mas da submissão às leis naturais da espécie, que de algum modo escolhe por eles (KIERKEGAARD, 1979, p. 197). Mas para o homem, a prevalência do indivíduo se dá: a espécie não escolhe por ele, o indivíduo é que deve decidir. Mas é neste duelo paradoxal com as leis naturais e com a contingência absoluta dos

possíveis é que se forma a singularidade humana em sua relação com o absoluto. Se o homem se contentasse apenas em cumprir suas obrigações, seria somente um escravo, o escravo do dever. Mas o homem ético é aquele que cumprindo sua tarefa, engajado no cotidiano, exerce sua liberdade individual, através da escolha de si (KIERKEGAARD, 1979, p. 141-142). Kierkegaard apresenta, assim, a problemática da decisão:

Aos olhos do mundo o perigo está em arriscar, pela simples razão de se poder perder. Evitar os riscos, eis a sabedoria. Contudo, a não arriscar, que espantosa facilidade de perder aquilo que, arriscando, só dificilmente se perderia, por muito que se perdesse, mas de toda a maneira nunca assim, tão facilmente, como se nada fora: a perder o quê? a si próprio. Porque se arrisco e me engano, seja! a vida castiga-me para me socorrer. Mas se nada arriscar, quem me ajudará? tanto mais que nada arriscando no sentido mais lato ganho ainda por cima todos os bens desse mundo - e perco o meu eu (KIERKEGAARD, 1979, p.211).

A gênese da angústia remete, portanto, à perda do “eu eterno” e a uma preocupação ontológica, na medida em que pensar a desestabilização da síntese constitutiva da natureza humana como um “a priori” seria pressupor a imperfeição da própria natureza. Não parece ser este, entretanto, os desdobramentos tomados pelo pensamento de Kierkegaard no “Desespero Humano”, onde retomando a síntese do homem, o autor vai desenvolver com precisão a progressão existencial do “eu” em sua relação com as noções de angústia e de desespero.

A qualidade do desespero e a relação com a morte

Ao longo de sua obra, Kierkegaard vai nos apresentar o “eu” como um voltar-se para si mesmo. O “eu” é, portanto, devir, condição existencial a partir da qual o homem se torna o que é (FARAGO, 2006,

p.94-95). A gênese do desespero é proveniente do desequilíbrio da relação que o eu estabelece com a síntese constitutiva da natureza humana. Entretanto, Kierkegaard vai chamar a atenção para a responsabilidade em tornar-se o que se é. Uma vez que o desespero é universal, não havendo quem dele esteja completamente livre (KIERKEGAARD, 1979, p.203), o modo como se investe existencialmente nesta construção seria um qualificador dos diferentes tipos de desespero, que em sua conexão com o humano, poderia implicar a desestabilização da síntese, propiciando uma vida para além do desespero: uma vida angustiada.

Como qualificar o desespero é, portanto, uma questão central na filosofia do autor. Enquanto “doença mortal” e aguda, em que a síntese do humano se desestabiliza em angústia, o desespero remete aos modos de vida que temem profundamente a morte e são incapazes de efetivarem suas próprias possibilidades. Enquanto “doença até a morte”, doença crônica que acompanha silenciosamente os que persistem na existência, em que a síntese mantém sua estabilidade e se sustenta na construção dinâmica do que se é, o desespero pode ser visto como processo para o enfrentamento do medo da morte.

Os caminhos no devir do eu é que vão diferenciar os modos de existência e, portanto, a potência intrínseca ao desespero que constitui o homem. E a qualidade de uma vida inexoravelmente desesperada vai depender, como veremos, da relação que se tem com a morte ou como também poderíamos dizer, com as possibilidades do viver. Em Kierkegaard, podemos, portanto, encontrar dois modos de relação com a morte, que estão existencialmente associadas com a qualidade do desespero vivenciado e com a desestabilização ou não da síntese ontológica constitutiva do humano (KIERKEGAARD, 1979, p. 208-235).

A primeira seria uma relação de temor à morte. Esta relação é fruto de um desespero construído a partir de uma experiência de vida angustiante, experiência esta, incapaz de ultrapassar o campo do possível e de se implicar naquilo em que o eu se torna. Já a segunda, seria uma relação de amor à morte, proveniente de um desespero construído a partir de uma experiência de crença na vida. Experiência que ultrapassa o possível, acredita no impossível e no absurdo, e sem temer os paradoxos existenciais, mergulha na própria morte. Kierkegaard vai insistir então que a salvação do homem diante da morte passa, antes de tudo, pela honestidade com a possibilidade do paradoxo e por uma coragem que o torna senhor do seu tempo e conquistador da eternidade (FARAGO, 2006, p. 153 e 168).

O paradoxo da vida ou: o enfrentamento do medo da morte

Se o desespero é, portanto, a condição em que o indivíduo se descobre, mas ao mesmo tempo é também uma experiência de “doença até a morte”, porque o desesperado deseja a morte do “eu”, “torna-se indispensável a humilde coragem do paradoxo para alcançar então toda a temporalidade em virtude do absurdo” (KIERKEGAARD, 1979, p. 137).

Uma das grandes dificuldades do pensamento de Kierkegaard é que ao “eu” como unidade, o filósofo irá opor o “eu” como relação, que é antes de mais nada, uma formação instável sujeita ao desespero, à indecisão, à doença e à morte (LE BLANC, 2003, p. 85). O desespero revelaria a verdadeira escolha diante da existência: não se trata de escolher isto ou aquilo, mas de assumir os riscos da existência pela crença, ou seja, de escolher querer escolher, ainda que a crença não ofereça qualquer certeza (LE BLANC, 2003, p. 52 e 62). É deste momento ético que nasce a escolha que

conduz ao desespero: a escolha de si em seu valor eterno, a escolha de se querer realmente ser si mesmo.

Na intuição do movimento profundo deste salto ético, que deseja a morte do “eu”, é necessário ainda admitir a natureza ambígua do instante: por um lado, ele está no tempo enquanto divisão do passado e do futuro, por outro, é aquele ponto a partir do qual algo se fixa para sempre. Neste sentido, o instante está fora do tempo, ele é da eternidade (LE BLANC, 2003, p. 76). Será, portanto, o ponto de encontro privilegiado entre o tempo e a eternidade, assinalando uma ruptura temporal entre o passado e o presente, só podendo exprimir-se por um salto, salto da vontade que caracteriza a decisão (KIERKEGAARD, 2010, p. 93-96). Ora, jamais o desespero, verme imortal, fogo inextinguível, devora a eternidade do eu, mas o eu no tempo precisa ser aniquilado pelo homem que é senhor da decisão.

Mas admitido o instante, surge então o paradoxo, pois na sua forma mais abreviada, poder-se-ia chamar até mesmo o instante de paradoxo. Kierkegaard encontra assim o paradoxo absoluto da vida no escândalo que o cristianismo pretende ser a expressão: Cristo sofre e morre como homem, mas fala e vive como Deus. Eis o paradoxo do homem-Deus que é mestre e discípulo, temporalidade e eternidade, ao mesmo tempo (LE BLANC, 2003, p.74). O escândalo reside no fato de admitir que a onipotência de Deus pode manifestar-se até nas formas mais fragilizadas, como a de um homem martirizado (FARAGO, 2006). Diante do paradoxo, então, nos entregamos à fé para sair da angústia da condição humana, mas é justamente ela a portadora de desespero. Por isso, a fé, ou o pensamento do desespero, como poderíamos dizer, não apazigua a consciência, não garante ao crente que ele será tocado pela graça, mas lança-o em incertezas que alimentam tanto mais o desespero que a beatitude eterna de sua

alma, passa a ser a sua salvação (LE BLANC, 2003, p. 76). Pois é nessa situação que o homem, na incerteza, salta para além de suas possibilidades para entrar como indivíduo na relação absoluta com o absoluto. Não se compreende o paradoxo, crê-se nele e crer compreende uma relação do homem com o divino. O paradoxo da vida relança o problema da possibilidade: crer ou não crer? A fé apresentando-se sob o ângulo da decisão, conserva em si a incerteza inerente da escolha (KIERKEGAARD, 2008, p.61-82).

E é exatamente por isso que a fé é de importância fundamental para Kierkegaard. A fé não é uma certeza objetiva da verdade, mas uma certeza subjetiva do verdadeiro, é o recurso do homem entregue ao possível, para o qual o desespero é a condição fundamental para estar em relação consigo mesmo, em liberdade. A fé torna possível a fundação de um tipo de verdade nominada por Kierkegaard como a “verdade existencial”, ou seja, aquela que está no princípio da busca de uma verdade que é verdade para mim (LE BLANC, 2003, p. 90). E esta verdade não nos é dada pela razão, mas pela fé. Somente quando a verdade torna-se “verdade para mim”, a existência é atravessada inteiramente pela eternidade, no momento único em que a morte se torna a única possibilidade, quando a decisão enfim é tomada, porque o medo já não existe mais.

O paradoxo kierkegardiano aparece então como o contrário da mediação e da síntese, mas como um motor da dialética existencial (LE BLANC, 2003, p. 103). Uma dialética que insiste bem particularmente no reconhecimento dos termos opostos dos quais ela não efetua a síntese, mas exprime em uma situação de tensão, que se traduz na relação do indivíduo com o mundo e com Deus. A dialética existencial não se apresenta, portanto, como o que resolve conflitos, mas como o que coloca em evidência as

diversas situações de tensão que formam a trama da existência (LE BLANC, 2003, p. 103). E esta tensão que se repete, nominada desespero, é que permite o salto como mudança radical de perspectiva: como categoria de decisão e possibilidade de morrer, como encontro com o absoluto e salvação pela fé (DELEUZE, 2006, p.25-28).

Assim, para o cristão, nem sequer a morte é a doença mortal, e muito menos todos os sofrimentos temporais: desgostos, doenças, miséria, aflição, adversidades, torturas do corpo ou da alma, mágoas e luto. E de tudo isso que coube em sorte aos homens, por muito pesado, por muito duro que lhes seja, pelo menos àqueles que sofrem, a tal ponto que os faça dizer que a morte não é pior, de tudo isso, que se assemelha à doença, mesmo quando não o seja, nada é aos olhos do cristão, doença mortal (KIERKEGAARD, 1979, p. 191).

Considerações finais

Para Kierkegaard, toda vez que uma decisão se apresenta uma morte é anunciada: a morte do “eu”. Entretanto, esta morte não se faz sem a experiência do desespero, que revela as tensões existenciais que fazem com que o “eu” se volte para si mesmo em constante devir.

As tensões da existência expressas pelo desespero são os termos dos sucessivos paradoxos que a vida reserva a este animal que é síntese de finito e infinito, e que a cada instante persevera para “tornar-se o que se é” (FARAGO, 2006, p.94-95).

A filosofia de Søren Kierkegaard anuncia o combate ao medo da morte, através da conquista da eternidade no tempo. Enfrentar a possibilidade de “tornar-se o que se é” é, portanto, encontrar a possibilidade de morrer. “Mas para que um indivíduo venha a ser formado assim tão absolutamente e infinitamente pela possibilidade, ele precisa ser honesto

frente à possibilidade e ter a fé” (KIERKEGAARD, 2010, p. 165.). É a fé, ou o pensamento do absurdo, que afirma os paradoxos da existência e faz da morte o acontecimento último, sem o qual a vida não seria uma migalha de possível no supremo da incerteza humana, o instante mais notável entre o tempo e a eternidade.

Referências

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. de Marcelo Perine. 5ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- BLANCHOT, M. A obra e o espaço da Morte. In: Blanchot, M. **O espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FARAGO, F. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- KIERKEGAARD, S. A. O Desespero Humano (Doença até a morte). In: Monteiro, A.C. (trad.). **Os Pensadores**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1979.
- KIERKEGAARD, S. A. Temor e Tremor. In: Monteiro, A.C. (trad.). **Os Pensadores**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1979.
- KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de angústia**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- KIERKEGAARD, S. A. **Migalhas Filosóficas: ou um bocadinho de João Clímacus**. 2ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LE BLANC, C. **Kierkegaard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- ROOS, J. Kierkegaard e a antropologia entre a angústia e o desespero. **La Mirada Kierkegardiana**, n. 1, p. 68-78, 2008.
- THEUNISSEN, M. El Perfil Kierkegaard. **Estudios de Filosofía**, n. 32, p. 9-25, 2005.

Recebido em 2015-07-24

Publicado em 2016-04-15